



STEPHANIE BRITE ENCONTRO ESPACIAL

O que nos leva a escolher nossas profissões? Visões de profissionalismo que vemos quando somos crianças ou talvez por influências dos pais e da sociedade em que vivemos ou então já nascemos com algumas características mais fundamentais para esta ou aquela profissão? Acredito que grande parte de nós escolhemos nossas profissões pelo glamour e status que a mesma nos proporciona. Atualmente fazer parte do grupo de profissões ditas espaciais está na moda e nos torna conhecidos em todos os recantos dos mundos, em contrapartida os seres que trabalham na produção de alimentos quase não possuem reconhecimento e atualmente poucos são os humanos, os quais foram substituídos por robôs nos grandes campos agrícolas.

Vou explicar por que isto aconteceu. Logo após a grande guerra por alimentos que houve a duzentos e dez anos atrás, ou seja, em 2304 do ano cristão, que durou seis longos anos ocasionando enormes perdas tanto para aqueles que trabalhavam nos campos como para os humanos das megalópoles.

Na verdade o que houve foi uma pressão das megalópoles e também de cidades e aglomerados de outros planetas da Via Láctea sobre o campo no constante aumento na demanda por alimentos, enquanto que as verbas do governo eram destinadas cada vez mais para os programas de colonização espaciais e assim, cada vez menos sobrava para ser investido na produção de alimentos. Também com o aumento de habitantes em outros planetas a necessidade de alimentos chegou em um nível crítico e os agricultores se revoltaram.

A guerra trouxe fome para muitos e algumas doenças que estavam completamente e à séculos erradicadas voltaram e fizeram milhões de vítimas. Nenhum dos lados foi poupado, mas ninguém queria ceder. A Terra com bilhões e bilhões de seres, superlotada, resolveu criar campos de plantio em Marte. Decidiram também que a maioria dos alimentos para todos os seres seriam os alimentos industriais, criados a base de vitaminas e aminoácidos compostos por todos os elementos que o corpo humano necessita para ficar saudável. Com isto, por outro lado, o governo mundial determinou que os robôs obsoletos no programa espacial estariam livres para fazerem os trabalhos nos campos, todo e qualquer trabalho necessário para que se mantivesse a produção de alimentos naturais.

A comida até então conhecida como natural e que os cientistas da Terra diziam que era essencial para manter a saúde das pessoas começou a perder o encanto e os campos agrícolas em Marte, no Vale do Luar, servem em sua grande porção para serem servidas em restaurantes especiais na Terra, em Marte, em algumas bases militares na Lua, em Vênus, pouco frequentemente nas fortalezas de Saturno, Urano e Netuno. Nestes lugares os humanos que realmente possuem condições pagam centenas de *terranos* por uma refeição. Um verdadeiro luxo. Claro que hoje isto já está totalmente equilibrado, mas no início houve até mesmo sérios desentendimentos por esta nova forma de alimentação. Quanto a nós que vivemos dentro de espaçonaves ou em bases militares e espaciais é raro

[C1] Comentário: Base monetária da Via Láctea, criada após a união dos planetas do sistema solar.



quando podemos nos deliciar com a alimentação natural, geralmente só podemos e devemos nos alimentar com as vitaminas.

O brilho das estrelas por todos os lados nos mantinha acordados, pelo menos a mim, pois Phelix não possui nossas características humanas e os demais humanos da espaçonave continuavam num sono profundo, desde que havíamos adentrado o buraco negro Sagittarius A. Isto era estranho para mim, afinal porque eu estava claramente desperta desde que havíamos atravessado o tão sonhado buraco negro e todos demais humanos continuavam num sono profundo o qual não conseguíamos reanima-los? Phelix me dizia que talvez a nossa realidade seria a causa disto, mas tudo isto eram hipóteses afinal ninguém jamais havia atravessado um buraco negro para registrar os fatos e acontecimentos que isto ocasionava. Era muito estranho.

A espaçonave Sagitt I era tripulada por cinco seres humanos, entretanto havia outros andróides e robôs que nos acompanhavam. Quanto a Phelix, o qual eu tinha uma proximidade muito grande e sentia coisas por ele que nunca havia sentido, era para mim, muito mais que um simples andróide, era um excepcional profissional e tinha uma alma certamente muito mais humana que muitos terráqueos. Ele estava sempre ativo para qualquer necessidade. Phelix assim como outros andróides estão espalhados por todos os níveis da Sagitt I e desenvolvem constantemente suas tarefas tecnológicas e científicas, entretanto, Phelix possui algo que o diferencia dos demais andróides.

Do posto de observação dois da espaçonave veio uma informação até nossos monitores de que um brilho estranho e intenso, não muito distante do ponto em que nos encontrávamos, havia surgido. Estranhamente e se aproximando do planeta Terra, poderia ser um cometa como qualquer outro corpo celeste. De onde nos encontrávamos não havia como definir isto e o posto de observação dois encaminhou pedido a Phelix para avançarmos em direção ao objeto não identificado. Rapidamente nos encontrávamos a uma distancia segura do objeto e observamos que o mesmo não era nenhum corpo celeste, nem um cometa, nem um asteróide que poderia ameaçar a Terra, muito menos estrelas cadentes ou qualquer outro objeto, era sim, uma espaçonave, uma espaçonave gigantesca e que nunca imaginava que poderia existir. Fiquei, por alguns minutos, completamente hipnotizada por aquela maravilha extraterrestre. Era de uma beleza e formas que não existia na Terra ou em qualquer outro planeta da Via Láctea, de onde poderia ter vindo? Quando isto me passou pela mente um misto de preocupação e aflição tomou conta de mim e voltei a raciocinar, teríamos que ter cuidado e nos precaver pois não sabíamos porque a mesma se encontrava ali, estacionada a alguns milhares de quilômetros da atmosfera terrestre. Estava em alguma missão de paz? Havia se perdido como nós? Estava em alguma missão de reconhecimento? Ou simplesmente estava em missão de guerra? O espaço e os acontecimentos daqueles dias eram muito estranhos. Definitivamente todo cuidado era pouco, afinal se estivessem em missão de guerra nossa espaçonave pouco poderia contra aquela grande nave.

Como que do nada observamos repentinamente um brilho intenso partindo da espaçonave, um feixe de luz direcionado à Terra, com intervalos de exatos cinco segundos novo feixe era “atirado” e instantaneamente desaparecia.

Para dizer a verdade, quando olho para trás, no tempo, e começo a analisar minha infância, algo como felicidade e ao mesmo tempo tristeza toma conta de



mim. Quanto a felicidade posso dizer que todas as coisas que sonhei de uma forma ou de outra chegaram até mim, claro que com bastante luta, determinação também fui a busca do que eu queria e hoje analisando isto parece que não faz tanto tempo assim. Quando, pela primeira vez, pensei em ser comandante de uma espaçonave senti um frio na barriga, mas sabia que este seria meu destino e que coisas novas e espetaculares estariam a minha espera no espaço exterior. Quanto a atravessarmos um buraco negro, isto jamais havia passado pela minha cabeça e por qualquer outro comandante até pouco tempo atrás quando nossos cientistas conseguiram criar materiais resistentes a enorme pressão de um buraco negro, então a corrida para todos começou naquele momento e nos “metemos de cabeça” nesta nova missão. Agora estou aqui, me encontro em meio a onde gostaria de estar, mas sem saber com exatidão onde e se poderemos retornar. Seria isto o tal de “destino”?

Quanto a tristeza posso dizer que nossa raça, mesmo tendo evoluído como evoluiu, com a grandeza de nossa tecnologia, de nossa ciência, de nossa capacidade de inovação, ainda não conseguimos entender uma enormidade de sentimentos que são característicos de nossa raça e como não entendemos foi muito fácil para os homens das ciências criar formas para nos afastar disto. Foi mais fácil criar “um mundo imaginário, um mundo cheio de fantasias, um mundo onde somos supostamente superiores e não temos nada a temer”. Mas, dentro de mim ainda existe muitas coisas que gostaria de compreender, muitos destes sentimentos que ainda nem sequer consegui senti-los ou se senti não sei defini-los. Mas sinto também tristeza por saber que assim como eu tive uma infância gratificante e que ela ajudou a definir tudo o que sou hoje, existem ainda nos planetas da Via Láctea muitos que não possuem uma infância decente e desde cedo estão fadados à dor e ao esquecimento. Infelizmente ainda existe entre nós o abandono e o desprezo.

A espaçonave se movia muito lentamente ao redor do planeta e continuava a enviar seus raios em direção à Terra. Qual a finalidade daquela manobra e porque ela não utiliza nenhum escudo para encobrir sua presença? A resposta era evidente, afinal naquele tempo – se ainda estivéssemos no passado como tudo aparentava – não havia tecnologia suficiente para se construir uma nave espacial ou mesmo qualquer tipo de artefato para vasculhar o espaço, assim a nave não tinha com o que se preocupar. Também qualquer tipo de escudo protetor utiliza muita energia da espaçonave e como saberíamos a distancia que estariam de casa ou de qualquer ponto de reabastecimento? Com isto os supostos invasores estavam tranquilos e posso antever que qualquer ataque à aquela espaçonave teria que ser muito bem arquitetado afinal não seria qualquer coisa que a destruiria.

- Temos que nos aproximar ainda mais comandante, a esta distância não conseguimos captar nada. – Sugeriu Phelix. – Utilizem nossa camuflagem e vamos até onde conseguiremos ficar em segurança – completei. Rapidamente estávamos a uma distancia que segundo Phelix e os demais controladores diziam ser segura e de onde poderíamos conseguir informações.

- Esta espaçonave não pertence a nenhuma civilização do universo conhecido. A nenhum dos planetas da Aliança. Veja comandante, a insígnia em seu casco, não possuem qualquer significado catalogado. O material de que ela é construída não possui



referência alguma em nosso banco de dados. Claramente ela veio do espaço externo e conhecemos muito pouco além de nossas fronteiras. Não sabemos nada sobre civilizações que possam existir além de nossos limites. – Mencionou Phelix.

Estranhamente percebi que Phelix fez um gesto como coçar o queixo, em ar de preocupação, típico dos humanos. O que isto significava? Sei que ele possuía todas as informações de como os humanos que comportam em cada situação, mas durante todo o tempo que o conhecia ele jamais havia apresentado qualquer semelhança humana e ele próprio gostava de deixar claro que era um andróide e gostava de ser tratado como tal. Minutos depois ele me surpreendeu com a seguinte solicitação: Preciso que o Ágora venha pra cá, precisamos trabalhar juntos. Ágora era outro andróide, da mesma linha que Phelix, um pouco mais baixo e que possuía uma aparência caucasiana. Nunca haviam trabalhado juntos. Solicitei a presença do Ágora e ele imediatamente se encontrava em nossa plataforma de trabalho. Assim, o Ágora disse que a distância que nos encontrávamos da espaçonave era segura, entretanto, para maiores avaliações precisávamos nos aproximar ainda mais, mesmo sendo arriscado, mas era o que deveria ser feito, também deveríamos enviar para a Terra, com urgência, alguns MRE para descobrir o que estava acontecendo em solo. Eles poderão transmitir informações precisas com segurança e rapidez. Phelix imediatamente solicitou que os mesmos fossem despachados.

[C2] Comentário: MRE – abreviação de Mini Robôs Espiões e amplamente utilizado pelo Comando na Terra para vasculhar áreas de perigo.

Em segundos cerca de duzentos MRE's foram enviados ao planeta azul, utilizando o mesmo teletransportador que ele a mim e a Phelix à terra selvagem logo que viemos parar neste lugar. Os MRE's eram robôs muito avançados e mediam cerca quinze centímetros e eram dotados de extrema força, conseguiam voar a uma velocidade entre duzentos e duzentos e trinta quilômetros por hora, bem como visão noturna, raio "x" e um banco de dados muito complexo. Eles se conectavam automaticamente com a espaçonave ou com o comando terrestre praticamente on line. Mas, neste caso o comando terrestre estava fora de contato, claramente pela interferência de Sagittarius A.

Pouco depois as informações começaram a chegar ao painel de comando da nave Sagitt I, onde se encontravam Phelix e Ágora, os MRE's estavam cumprindo sua missão. – Veja estas informações comandante. – Disse surpreso Phelix. – Se isto for possível... – Não terminou sua frase. Olhei admirada, pois os mini robôs conseguiam enviar imagens altamente definidas e que nos mostrava claramente o que estava acontecendo, onde os raios de luzes caíam. – Precisamos descobrir qual a finalidade disto, comandante. – Disse rapidamente Ágora. – Não temos informações claras, precisamos nos aproximar.

- Se isto realmente está acontecendo precisamos reavaliar os conceitos que temos sobre os humanos Phelix. A raça humana não é completamente terrestre. – Comentou Ágora. – Temos que desvendar melhor estas informações.

A nave extraterrestre estava capturando espécimes humanos femininas em toda parte do planeta Terra. A comandante da Sagitt I estava perplexa e qual era a finalidade disto? Os andróides continuavam a vasculhar as informações disponíveis para apresentar respostas, mas cada vez mais ficava claro que o intuito daquela nave era... Com os aparelhos que a Sagitt I possui conseguiria ver no interior da nave alienígena, certamente não com a alta definição das imagens que os MRE's haviam enviado mas seria uma imagem muito boa. A distância que agora se encontram era suficiente e não



deveriam avançar mais, era muito arriscado. Poderiam também enviar os MRE's para uma avaliação ainda melhor e assim conseguir informações detalhadas da espaçonave, inclusive sobre sua construção e muito mais. Mas Ágora avaliou que isto seria muito arriscado e os robôs poderiam ser capturados e assim eles estariam correndo riscos desnecessários, pois facilmente - com a tecnologia que aquela nave aparentava possuir – os alienígenas descobririam de onde viam os mini robôs. A comandante Brite decidiu aguardar até a chegada da noite, ou seja, até que o Sol estivesse do outro lado da Terra, assim estariam com um pouco mais de vantagem e a camuflagem teria melhor resultado.

Em poucas horas já estava escuro e então iniciaram a varredura pelo interior da espaçonave alienígena. As dimensões da nave eram enormes e a grandiosidade da mesma surpreendia Brite. Mesmo tendo vivido grande parte da vida em meio as grandes naves, conhecer todo o programa espacial terrestre e viajar por vários planetas, Brite não se conformava que poderia existir uma nave tão maravilhosa como aquela. Seu interior era fantástico, cheio de câmaras, corredores, salas, níveis onde os seres poderiam ir e vir com extrema rapidez, aparentemente sumiam de um lugar e apareciam em outro, não aparentava existir um comandante e nem tampouco uma sala de comando, a nave era controlada por alguma coisa que não estava ali. Estava cheia de guerreiros, mas não dava para ver se eram humanos ou não, aparentemente, dentro daquelas roupas grossas tinham a aparência humana, como um corpo igual ao nosso, dois braços e duas pernas, mas interiormente não se saberia dizer como eram.

Numa sala quase imperceptível, mas enorme como as outras, havia centenas de mulheres humanas completamente despidas e aparentemente estavam sob alguma influência hipnótica ou alguma forma de transe, pois todas estavam alinhadas na sala olhando fixamente para as paredes que mudavam constantemente de cenários. Claramente as humanas estavam sendo teletransportadas pelos raios que atingiam a Terra diretamente para aquela sala e eram espécimes terrestres de todos os recantos habitados. Por onde havia seres humanos estes estavam sendo capturados, em terra, no mar, nas montanhas, nas selvas, em vales inóspitos, em cavernas... por onde se encontravam fêmeas.

O que estes alienígenas queriam em nosso planeta? Isto seria uma colonização? Aqui será o planeta escolhido para isto ou estão vagando pelo cosmos? Em busca de que? As respostas para alguns destes questionamentos estavam prestes a serem descobertas.

Um grupo de alienígenas utilizando grandes vestimentas adentrou aquele recinto onde se encontravam centenas e centenas de humanas nuas. Seus trajes logo caíram ao chão e então calmamente avançaram para junto daquelas belas mulheres. Uma a uma elas foram tocadas e inseminadas. Aquela orgia deve ter demorado duas ou três horas. Aparentemente nenhuma daquelas cobaias sabia o que estava acontecendo. Logo que terminou todo o ritual, as terrestres foram levadas a um outro recinto e devolvidas aos lugares de onde desapareceram.

A prole alienígena havia sido inserida no ventre terrestre, nossa raça já não era mais única, estávamos e possuíamos genes alienígenas. Por que isto estava acontecendo, porque ninguém sabia disto e havia sido preciso que voltássemos ao passado para descobrirmos tudo isto.



Precisamos comunicar tudo ao comando terrestre com urgência, mas como? Se nem ao mesmo conseguimos manter contato com nosso próprio tempo. O que vamos fazer. Temos tantos problemas na nave. E não somos – nem de longe – páreos para aquela espaçonave. - Nossa única forma de ajuda no momento, comandante, é ficar na retaguarda. Não podemos fazer nada. Não temos armamento suficiente para combater a espaçonave e não temos como evitar o que estão fazendo. – Disse Ágora com ênfase. - A comandante poderá descer à Terra e avisar as autoridades, mas isto poderá ser apenas uma tentativa, afinal o povo deste tempo não acreditará no que vamos dizer e poderemos colocar a vida destas humanas em perigo. – Completou Phelix.

- Temos que pensar com cautela antes de qualquer coisa, amigos. – Terminei por dizer.

Stephanie Brite.

Walter Veroneze
15.11.2008